

Ontologia Do Riso: Sobre A Crise De Humor Em Nossa Sociedade.

GOMES, Fabio Augusto¹

RU: 1554338

BIANCHESSI, Cleber²

RESUMO

O presente artigo de conclusão de texto visa abordar o riso como especificidade humana e desta feita como conteúdo filosófico. Parte de uma constituição histórica demonstrando algumas passagens em que este é visto como algo divino, demonizado e posteriormente dessubstancializada de sua principal característica, a de ser um aspecto crítico da humanidade, seja social seja existencial. Posteriormente fora abordado como o riso é teorizado por alguns filósofos, sendo eles: Platão (428 – 384), Aristóteles (384 – 322) , Diógenes de Sinope (413 -323), Tertuliano (169-220), Santo Ambrósio (339-397), Santo Agostinho (354-397), Clemente de Alexandria (150-215), São João Crisóstomo (344-407), Thomas Hobbes (1588-1679), Immanuel Kant (1724 -1804), Arthur Schopenhauer (1788 – 1860), Friedrich Nietzsche (1884 – 1900) e seu amainamento contemporâneo, tendo como metodologia de estudo a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Riso. Humor. Filosofia.

1 INTRODUÇÃO

A atualidade de alguns programas televisivos e sua capacidade de prever ou antever situações sociais, econômicas, políticas ou existenciais está ancorada na imaginação, instrução, estudo histórico, constatações empíricas e a sensibilidade de apreender o espírito cultural de uma época e suas mundivivências. Não distante estão as ficções, romances, peças teatrais e os demais componentes do gênero literário, assim como as sisudas teorias políticas, científicas, econômicas, sociais, religiosas e filosóficas, apenas distinguindo-se quanto a sua finalidade, pois enquanto umas pretendem entreter, divertir, repassar uma crítica de maneira leve sem deixar de conter ou buscar verdades as outras são circunspectas, ou seja, se acautelam em torno de uma rigidez científica/metódica revestindo seus resultados como verdades absolutas.

¹ Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso: Licenciatura em filosofia - 2018.

² Professor Orientador do Centro Universitário Internacional, UNINTER.

O cientificismo se tornou o cânone moderno e relegou as demais formas de ser, pensar e agir ao ostracismo ou a marginalidade. Porém com o advento de uma dita “pós-modernidade” aquilo que se tornara trivial retomou sua significância original e pensadores como: Friedrich W. Nietzsche, Jean Paul Sartre, Leon Tolstói, Carl Sagan, Isaac Asimov retomaram o caminho da literatura para exemplificar e dar vida as suas teorias filosóficas e científicas refazendo o processo de dessacralização cartesiano, porém agora não apenas do corpo, mas do espírito investigativo.

Doravante tudo aquilo que é produzido, construído, pensado e analisado se torna parte integrante da existência de todos os societários, sendo o próprio desenho animado um campo para reflexão filosófica, “(...) parte de ser um filósofo significa nunca manter uma crença tão sagrada a ponto de nunca duvidar dela – ou rir dela.” (ARP, 2007, p. 13).

Desta feita, o presente artigo, limitou-se a uma análise histórica e filosófica do riso. Quanto aos questionamentos respondidos neste artigo, três foram elencados como principais: Qual seria a função do riso na sociedade “pós-moderna”? Como o riso pode ser considerado conteúdo filosófico? Em uma sociedade humorística como o riso, ligado a profanação de elementos culturais tidos como tabu, se coloca frente ao politicamente correto?

No que se refere aos seus procedimentos práticos (metodologia), este estudo fora produzido a partir de pesquisas bibliográfica, leitura sistemática e produção de fichamentos, a partir livros, artigos, e fontes eletrônicas que abordam a temática, e visou alcançar os seguintes objetivos: Analisar a função do riso na sociedade moderna; apresentar o riso como função existencial, doravante como conteúdo filosófico; refletir sobre como o riso foi definido historicamente e sua intrínseca relação com o escárnio e de que forma foi amenizado na sociedade hodierna.

Tal pesquisa se justificada pelos crescentes casos de bullying e principalmente outros inúmeros casos de processos em que um grupo, indivíduo ou determinadas “minorias” sentem-se ofendidas por piadas ou pilhérias ditas por outrem, levam a uma reflexão sobre o estatuto ontológico do riso. Ontológico pelo fato de que, como reza a obra, de Umberto Eco:

Como tínhamos prometido, tratamos agora da comédia (ainda mais da sátira e do mimo) e de como suscitando o prazer do ridículo ela chegue à purificação da tal paixão; quando tal paixão seja digna de consideração já dissemos no livro sobre a alma, enquanto – único dentre todos os animais – o homem é capaz de rir.” (ECO, 2003, p.449).

Sendo o riso uma característica exclusivamente humana, gargalhadas ao ver ou ouvir algo que constrange outrem, risadas soltas ao lembrar-se de situações embaraçosas, conversas animadas regadas a bebidas alcoólicas e bufonarias irracionais, isso tudo é humano demasiadamente humano.

Desta forma o que leva nossa sociedade um amainamento deste se desligando de seu sentido primevo que seria justamente expor os exageros de uma situação, os constrangimentos de um momento ou simplesmente a troça de outrem. Qual seria a linha limítrofe entre o escárnio e a ofensa? Nossa sociedade parece ter restringido o espaço do riso em prol do politicamente correto e aqueles que ousam transpor estes limites acabam por sofrer as consequências das leis. Cogitou-se uma lei que não permite enxovalhar figuras públicas, mote para mais derrisões na coetanidredigirade.

Estes e outros argumentos necessitam de uma reflexão sendo a tese da qual o presente artigo trata, e fora dividida em 4 seções respondendo cada um dos objetivos outrora elencados neste artigo, sendo estes: 1º seção, “Ecoando na história – um prólogo para o riso”, que visou estabelecer alguns parâmetros históricos, esclarecendo os conceitos de riso e humor; 2º seção “Ridere, ergo sum?” buscou referenciar alguns filósofos que empreenderam estudar o riso como campo filosófico; 3º seção “Os sisudos também riem”, buscou demonstrar de que forma em uma sociedade humorística o humor se tornou politicamente incorreto;

2 ECOANDO NA HISTÓRIA – UM PRÓLOGO PARA O RISO.

Ao contrário das duas versões oficiais de gênese do mundo ou mais aceitas (criacionismo e evolucionismo), nos primórdios do ocidentalismo na nascente do cristianismo o papiro Leyde, que data do século III, traz uma variante mais divertida deste evento:

Tendo rido Deus, nasceram os sete deuses que governam o mundo... Quando ele gargalhou, fez-se a luz... Ele gargalhou pela segunda vez: tudo era água. Na terceira gargalhada, apareceu Hermes; na quarta, a geração; na quinta, o destino; na sexta, o tempo. " Depois, pouco antes do sétimo riso, Deus inspira profundamente, mas ele ri tanto que chora, e de suas lágrimas nasce à alma. (REINACH, 1996, p 147. In MINOIS, 2003, p. 21).

O que necessariamente ocasionou este ato de derrisão não é descrito pelo autor, Minois (2003), nem a qual Deus o papiro se refere, entretanto o que chama a

atenção é que por meio desta gargalhada neste “Big Bang” cômico e cósmico, nas palavras do autor supracitado, que o criador da vida, e forma as coisas terrenas.

Segundo Manfio (2006, p. 24) a palavra humor (*khymós*, em grego) é polissêmica, pois os gregos a utilizavam como sendo um objeto físico, na visão destes eram os líquidos presentes no corpo humano (a bile amarela, a bile negra – ou atrabíles, a fleuma – pituíta e o sangue) e eram responsáveis pela saúde dos indivíduos. Resende explica de maneira detalhada esta teoria, desenvolvida por Hipócrates de Cos (460 – 370):

Segundo a concepção hipocrática da patologia humoral, quando uma pessoa se encontra enferma, há uma tendência natural para a cura; a natureza (*Physis*) encontra meios de corrigir a desarmonia dos humores (*discrasia*), restaurando o estado anterior de harmonia (*eucrasia*). Este processo se realiza em três etapas nas doenças agudas: *apepsia*, *pepsia* (cocção) e *crisis*. A *crisis* tem tendência a ocorrer em dias certos, o que levou Hipócrates a estudar os dias críticos de várias enfermidades. (2009, p. 52)

A maneira como estes humores se equilibram ou desequilibram no corpo humano curam ou causam doenças, e ainda de acordo com Resende, Galeno, no século II d.C., revitalizou a teoria dos humoristas, definição dos médicos que adotavam o pressuposto da teoria dos humores, afirmando que estes equilíbrios e desequilíbrios causavam impacto direto não apenas na saúde, mas no próprio comportamento das pessoas nascendo as expressões: mau humor, bem-humorado e mal-humorado.

O riso na sociedade grega, segundo Minois (2003, p.22), era algo sagrado e tão antigo quanto qualquer prática religiosa, Próclus, no século V a.C, poeta órfico atribuía o nascimento dos deuses de forma parecida a do mito supracitado e a proximidade do nascimento divino e das lágrimas são temas recorrentes nas mitologias do Oriente médio; na Fenícia, quando uma criança era sacrificada o riso era uma forma comum do culto; Babilônia e Egito o riso era uma forma de agradecer as benesses do rio Nilo, na Trácia as mulheres morrem rindo no sepulcro de seus maridos e a morte é vista como algo bom e o nascimento é regado por muitas lágrimas, na Sardenha, o riso desempenhava uma função mágica, o de passagem para uma nova vida, não eram as Valquírias que levavam o guerreiro para o Valhala, mas sim o riso que marcava as crianças sacrificadas ao deus Lídio Sandon, pois isso denotava a aceitação da morte, sendo que é pela civilização da Grega que estes rituais chegaram até nós, primeiro pelos mitos dos deuses do Olimpo, depois pela verve intelectual, Aristóteles, Platão, Aristófanes, Heródoto, entre outros.

No panteão grego o responsável pelas zombarias é Momo, que tem em sua mão um bastão, símbolo da loucura e usa máscara, filho da noite é o censor dos costumes divinos (MINOIS, 2003, p. 29), torna-se tão insuportável, por ser um personagem obscuro, trocista e sarcástico, que é expulso do Olimpo e refugia-se ao lado de Dionísio. Este é o deus do vinho, da diversão da alegria, é o riso encarnado, o escárnio em pessoa, pois sua figura é representada por um deus coxo, pequeno, e bêbado, porém segundo alguns historiadores Henri Jeanmaire, René Girard, Pierre Vidal-Naquet e Jean-Pierre Vernat; é um deus enigmático e ambíguo, que embaralha a realidade com a ilusão do ébrio, sendo que é nesta confluência dos sentidos que se instaura a tragédia grega.

Nas grandes dionisíacas, aparece o concurso de tragédia, em 501 a. C., e o de comédia quatro anos mais tarde. Aliás, os autores trágicos também praticam o cômico: além das três tragédias, eles devem apresentar uma curta peça familiar, o drama satírico, que é representado pelos mesmos atores, utiliza a mesma métrica e o mesmo vocabulário, mas desenrola-se em cenário campestre. A peça é animada por um coro de sátiros, personagens fantasmagóricos, companheiros de Dionísio e dirigidos por um bêbado lúbrico Silênio [...] esse ressurgimento da animalidade traduz-se pelo riso, que vem quebrar a solenidade trágica e abalar o sério. (MINOIS, 2003, p. 36).

A tragédia tem uma função especial na formação do cidadão grego a catarse, que em linhas gerais é o processo pelo qual o homem reflete sobre situações de sua vida, purificando-se, ou seja, expurgam de seus pensamentos e de suas atitudes as revoltadas e o desnecessário aceitando o "*pathos*" do destino. Dionísio traz em seu sorriso derrisório outra forma de pensar, para além da seriedade do trágico, instaura a loucura para seus seguidores e temor aos seus inimigos, este riso desenfreado é necessário para obter o equilíbrio da pólis, pois "o riso, como irrupção de forças irracionais, está no centro da tragédia humana. " (idem, p.37), se contrapõe ao retilíneo apolíneo.

De acordo com Gomes (2014, p. 26) com ascensão da comédia o riso ganha a praça, nas bacantes ele parte para a "*ágora*", escancarando as vicissitudes humanas em seu pior grau, indo além, devido ao fato de que ataca os políticos, os filósofos, os deuses colocando tudo e todos são escarnados e se tornam componentes da derrisão, sendo os principais expoentes Menandro e Aristófanes. É importante registrar que tais atos não passavam incólumes pois, assim como em nosso tempo, as figuras ofendidas processavam os poetas zombeteiros. Alcebíades, para a sua proteção acabou por propor uma lei que proibia zombar abertamente de homens políticos no teatro e fez ameaças contra a vida de Êupolis, descrito por Minois (2003, p. 41), na

história em que o político teria ameaçado afogar Êupolis dizendo-lhe: "(...) se me enlameares outra vez no teatro, eu te afogarei no mar".

A comédia tem por função, em primeiro lugar, permitir ao público esquecer por um tempo suas inquietudes e espantar os temores, apresentando-lhe um universo em que a ordem sempre acaba por ser restabelecida."(SAID. S. Histoire de la littérature grecque, 1997. Op. cit. In MINOIS. (2003, p. 51).

Segundo Gomes (2014, p 27) esta ascendência do riso aliada ao ceticismo religioso criado pelos filósofos naturalistas e posteriormente pelas escolas cínica, cética e hedonista são perspectivas que começam a serem vistas como fatores diluentes dos valores cívicos da sociedade grega, fato análogo em nosso estado atual de valores com uma nova roupagem o ateísmo e a sociedade do espetáculo, sendo necessário um processo de superação do dionisíaco pelo apolíneo. colocando um fim no tempo de Menandro, Aristófanes eleva os filósofos reis Platão e Aristóteles a pilares desta sociedade pretendida, mesmos estes não se abstendo do assunto.

O processo de fagocitação da sociedade grega, pelo macedônio Alexandre “o grande” e posteriormente o estabelecimento do império romano elevam o riso a um novo patamar. Gomes (2014, p. 27) afirma que autores tratam com tons de humor sua época em seus textos, sendo os principais: Cícero, Horácio, Teocrácio, Plauto, Varrão, Juvenal, tratando jocosamente coisa graves e gravemente coisa engraçadas, ressaltando que o riso ficou restrito aos festivais, e dentre estes dois se destacavam: Saturnais e Lupercais.

Estas festas o riso é o fundamento básico, sendo que as Saturnais que começa com um único dia 17 de dezembro, passa há três dias 17 a 19 de dezembro e posteriormente há uma semana de 17 a 13 de dezembro são: Destinadas a preencher a lacuna existente entre a duração do ano lunar, que serve de base ao calendário oficial, e o ano solar, que rege o calendário dos trabalhos agrícolas. Esses poucos dias representam um vazio, um período roubado à direção de Zeus, soberano atual dos deuses e dos homens, e durante o qual Cronos-Saturno, o senhor do tempo, retoma a sua posição dominante. O reino de Saturno foi, segundo os mitos, a idade de ouro. Trata-se, portanto, de um retorno mítico a essa época feliz e desaparecida, época de igualdade, de abundância, de felicidade. A alegria propiciada por este retorno periódico manifesta-se pelo riso, e o riso alimenta-se dos rituais e das práticas que acompanham as festas. (MINOIS, 2003, p. 97).

Estas festas tinham como atributo principal uma contraversão dos afazeres tradicionais em que luzes eram acessas durante o dia e a noite a festa continuava em plena escuridão, as frases eram ditas ao contrário para provocar derrisão, não se trabalhava e danças e cantos eram entoados por dias até a eleição do rei cômico que

tinha como objetivo fazer as pessoas rirem, sendo este riso a inversão radical da seriedade do cotidiano.

As Lupercais na metade de fevereiro, segundo Gomes (2014, p. 28 apud, Minois, 2003) se apresenta como um ritual estranho em que mulheres sofriam agressões nas ruas acreditando que tal violência poderiam auxiliar no processo de perpetuação da espécie, tornando-as, mais férteis, roupas, na época já escassas, eram desnecessárias, não ficando amostra, em alguns casos, apenas as genitálias e representavam o furor do momento em que a alegria trasbordara e a frouxidão do riso remonta ao um sentido mágico de salvação, que eleva o indivíduo a um estado de interação e pertencimento direto com a natureza, sem os entraves da vida em sociedade.

Tais festas entram no rol das proibições na idade média, após a promoção do cristianismo como religião oficial do império Roma, outorgada por Constantino em 313 d.C. marca também o início da derrocada dos Césares, que só aconteceria em 476, e o princípio de um novo império, o Cristão.

Oriunda do judaísmo e ressignificado a partir da figura de Jesus Cristo é com Paulo que o cristianismo ganha corpo. Cidadão romano, poliglota e com conhecimento de seu antigo ofício, cobrador de impostos, Paulo tinha competências privilegiadas para disseminar a boa nova. Escritor profícuo é um dos pilares do novo testamento e da nova potência. (GOMES, 2014, p. 28)

Nietzsche denuncia o apóstolo Paulo em sua obra “O anticristo” (2002, p.78), e afirma que a intenção deste foi criar uma doutrina – cristianismo – que acaba por colocar a vida em uma outra esfera, a do além-mundo deslocando o centro da existência para uma entidade fictícia superior.

A partir da boa nova e da igreja idealizado por Pedro e concretizada por Paulo o riso é demonizado, sendo sua versão festiva e divertida de ocultamento da realidade, e de acordo com Gomes (2014, p.29) “(...) uma das variadas artimanhas do Demônio para subverter as almas humanas e fazê-las cair em pecado”, o que concomitantemente coloca a diversão, as festas, agora pagãs, e a bebida como portas de entradas para o inferno. Entretanto, como afirmou o autor citado anteriormente, a alta idade média absorve os festivais pagão, cristianizando-os, tal como o Natal e principalmente o carnaval, determinando o término das festividades carnavais e início do processo de purificação, sendo que o extrato final do riso neste período é um esvanecer da subversão dos valores, engarrafado em um riso demonificado no início e dissipado ao final.

Este pequeno prólogo sobre o riso chega finalmente ao seu clímax, no período renascentista, a partir do século XVI, com o pensador francês François Rabelais (1484-1583), e que de acordo com Minois, (2003.p. 303), “(...) Pantagruel e Gãrgantua obra sátira, cômica de Rabelais é que se redescobre que o riso é próprio do homem, sendo o humor a quintessência do riso.”

Gomes (2014, p 30) comenta que de tal “*opus*” subjaz aquilo que durante um grande período de tempo esteve relegado ao mal, tais como: histórias burlescas, piadas populares que possuem em seu enredo os sete pecados capitais, porém sem esta conotação e sim algo trivial e comum.

Se a renascença foi à rejeição da cultura da idade média Pantagruel e Gãrgantua fazem o papel de arautos de um novo pensar, de ver a existência, sem os fardos do pecado e que a vida afinal não deve ser levada tão a sério. Porém este recreio da vida, promovido pelo riso, é tão curto quanto os de nossas escolas e já na metade do século XVI, com o advento das grandes descobertas e, principalmente, as reformas, fazem com que o mundo seja levado a sério novamente. (GOMES, 2014, p 30)

Após este curto período de tempo hostes de clérigos, agora disseminadas em várias vertentes do cristianismo original, respaldadas pelo poder adquirido pelos reis novamente buscam colocar ordem no caos condenando tais festas e instaurando uma nova ordem mundial o Estado moderno.

Os séculos posteriores, XVII e XVIII desnudem o poder ácido do espírito humano e sua imensa capacidade em corroer as instituições sacrossantas de nossa sociedade, sendo Molière o arauto desta releitura rabelasiana. Para Molière ser um grande cômico é ser sério, de uma seriedade próximo a tristeza, que permite sentir em profundidade a miséria, a pequenez, a maldade, a mesquinhez, a mediocridade do homem e zombar de seus defeitos tocando no ponto exato, evitando o mau gosto, (Minois, G. 2003.p.410)

Desta forma o riso nunca chegou a desaparecer totalmente na sociedade. Ora exaltado como expressão máxima da liberdade dos deuses, ora como processo de libertação do fardo existencial, o riso permaneceu evoluindo, de ironia para alegria, de alegria atitude cética, desta para mefistofélica e de mefistofélica para ganhar novamente seu caráter mordaz de crítica social, quase que um processo catártico em que aquele que ri acaba por refletir sobre o absurdo da situação, sendo que estes são alguns pontos nevrálgicos da sociedade humorística atual.

2.1 RIDERE, ERGO SUM

O pilar ético dos pensadores gregos navega pela busca da felicidade ou em precisar o que seria o viver bem (Eudaimonia), sendo o riso um epifenômeno de uma

ação jocosa, desregrada, ébria, instintiva, dionisíaca ao contrário do sorrir que também pode ser considerado um epifenômeno, porém de uma situação virtuosa, contemplativa, bela, apolínea.

O primeiro rei Platão vai além do mundo terreno para demonstrar nas ideias superiores o bem supremo, somente alcançado pelo verdadeiro conhecimento das coisas. Considera o riso (de quem profere) e o risível (sobre quem se ri) como algo negativo, estólido.

Combinando as observações de A República e de Filebo, podemos concluir que o conceito negativo que Platão faz do riso e do risível é determinado, em última análise, por sua concepção da filosofia como prazer puro e única forma de apreensão da verdade, em oposição à ilusão característica das paixões. O riso e o risível seriam prazeres falsos, experimentados pela multidão medíocre de homens privados da razão. Entretanto, ambos devem ser condenados mais por nos afastarem da verdade do que por constituírem um comportamento medíocre. (ALBERTI, 1999, p.44-5)

De acordo Alberti, na teoria platônica existem duas formas de prazeres: os verdadeiros e os falsos. Na primeira categoria se encontra as belas formas, as belas cores, os belos sons e os belos perfumes, e em principal o conhecimento como deleite da alma em proximidade com o ideal puro de bem, não existindo nenhum tipo de sentimento desinquietante e por este motivo proporciona ao ser sua plenitude ideal. Em contrapartida os falsos prazeres se constituem como um misto de sentimentos não passando de processos paliativos para encerrar a dor ou o um processo de reconstituição do equilíbrio perdido por meio de amores, ataques de raiva, ciúmes, esperança, pertencentes as almas concupiscível e irascível.

Este prazer falso e em sua explicação que se encontrará a definição de riso e risível, pois a partir da obra de Platão “A República” encarnada pelo filósofo Sócrates chega-se a esta conclusão:

A investigação de Sócrates inicia-se com três pressupostos: que a inveja e a malícia são uma dor da alma, que o invejoso se com os infortúnios alheios, e que a ignorância e a estupidez são males. Desses três pressupostos, diz Sócrates, deduz-se a natureza do risível. O risível é definido em seguida como um vício que se opõe diretamente à recomendação do oráculo de Delfos: "conhece-te a ti mesmo". Aqueles que se desconhecem são vítimas da ilusão - do ponto de vista da fortuna (quando creem que são mais ricos do que o são na realidade), do ponto de vista do corpo (quando se acham mais belos do que são) e do ponto de vista das qualidades da alma (quando se acham superiores em virtude). (ALBERTI, 1999, p. 47)

Aqueles que não se conhecem e julgam possuir algo a mais que outrem são considerados ignorantes, de natureza fraca, pois falta-lhes a fortaleza de se

descobrirem e a compreensão, segundo a teoria platônica, de que a busca pelo conhecimento é um eterno processo de lapidação da alma e por isso objetos risíveis.

Desta feita o prazer do riso é algo que mescla dor, pois reconhece que aquele o indivíduo sobre quem se ri possui sua existência em uma natureza fraca e por consequência ao apresentar este aspecto de dor não poderá ser inclusa na categoria de prazeres puros o que por exclusão incluiu o riso como um prazer falso e neste processo de explanação dos falsos prazeres entraria também, além da comédia, a própria poesia, pois “(...) a poesia é incompatível com a filosofia, porque o poeta representa apenas a aparência das coisas, sem ter jamais tido conhecimento delas e iludindo a esse respeito a multidão que o aplaude.” (Alberti, 1999, p. 49), sendo este um dos pontos de discordância entre o mestre (Platão) e seu sucessor na linhagem de sangue filosófica (Aristóteles).

Aristóteles diferenciou a tragédia da comédia de uma forma simples, enquanto a primeira apresenta os homens como melhores que são a segunda exagera os seus defeitos.

Não nos restou de Aristóteles nenhuma teoria propriamente dita do riso e do risível, somente passagens dispersas em sua obra. Mas a influência de Aristóteles talvez seja a mais marcante na história do pensamento sobre o riso, principalmente no que concede à consagração de sua definição do cômico como uma deformidade que não implica dor nem destruição. Essa definição, que se acha na Poética, estabelece-se como característica primeira do cômico já na antiguidade e atravessa os séculos seguintes com soberania. Outra concepção corrente que remonta a Aristóteles é sua definição do riso como especificidade humana. O homem é o único animal que ri, diz Aristóteles em “As partes dos animais”, em trecho importante para a discussão da tradição fisiológica de explicação do riso. (ALBERTI, 1999, p.45)

Ao estabelecer o riso como especificidade humana, Aristóteles, expurga a conotação negativa que seu mestre atribuiu ao riso, pois adjudica o distorcer da boca a uma mera característica humana e desta forma retira o conceito moralista de dor postulado por Platão.

Segundo Alberti (1999) o estagirita buscou uma distinção entre as formas de ações humanas, que consistiam basicamente em seis, sendo elas: a tragédia, a comédia, a epopeia, as artes do ditirambo, da flauta e da cítara e se diferenciavam segundo três pontos de vista: os meios de representação, os objetos representados e os modos de representar.

A tragédia, a epopeia e a comédia têm em comum o meio da linguagem, enquanto o meio das outras artes é o ritmo ou a melodia. Mas a tragédia e a comédia distinguem-se da epopeia pelo modo de representar a ação humana: elas usam a ação dramática, enquanto a epopeia recorre à narrativa. O único

ponto de vista específico à comédia é o dos objetos representados: a tragédia e a epopeia representam as ações humanas nobres, ao passo que a comédia representa as baixas. Ou ainda, segundo o próprio Aristóteles: a comédia representa personagens em ação piores, e a tragédia, personagens melhores do que os homens. (ALBERTI, 1999, p. 46)

As distorções da figura humana nas máscaras, para uma encenação da comédia, objetivavam realçar o objeto a ser risível, imoral ou defeituoso, porém sem causar dor ou nunca com este aspecto. É importante ressaltar que a comédia, para Aristóteles, não tinha a mesma função social que a tragédia, visto que esta tinha um efeito catártico, ou seja, de reflexão e purificação por meio da obra apresentada. O riso, todavia, é um processo fisiológico, de excitação do diafragma quando excitado e quanto a sua função social estava ligado a ausência de dor, sem qualquer tipo de moralismo, ligado ao prazer.

Na esteira de críticas ao moralismo platônica e no mesmo período que este predominou na Grécia antiga, irrompe outra escola a cínica, sendo seus maiores expoentes Antístenes, Diógenes e Aristipo e segundo Michel Onfray: “(...) os protagonistas do triângulo subversivo compartilham, pois um antiplatonismo desconstruído por um gesto que incluiu humor, ironia, caçoadas, jogos de palavras e outras facécias verbais construídas como base em homofonias.” (2008, p. 130).

Diógenes de Sinope (413 -323) fora o mais conhecido da tríade, e suas anedotas filosóficas, andar com uma lanterna na mão a procura de um homem, crítica a figura de homem ideal de Platão ou pedir como único favor do grande Alexandre que ele se retirasse da frente de seu sol ou finalmente colocando o grande idealista em situação constrangedora ao demonstrar que o ideal não existe e que seu oponente filosófico e suas afirmações necessitavam de uma maior depuração.

Em uma ocasião em que perora em público e define o homem, como um bípede sem penas. Sem se perturbar nem sair do sério, Diógenes balança perto uma galinha depenada e a apresenta como seu homem – obrigando o filósofo das ideias puras a precisar seu conceito, acrescentando-lhe: de unhas chatas. (ONFRAY, 2008, p.132)

Para Peter Sloterdijk o kynismos – palavra grega para cinismo deriva da acepção cão - “(...) é uma primeira réplica ao idealismo ateniense dos senhores, uma réplica que vai além das refutações teóricas. Ele não fala contra o idealismo; vive contra ele”, (2012, p. 156) e ao viver a sua filosofia, Diógenes não apenas fala, ele encarna aquilo que professa.

A insolência apresenta fundamentalmente duas posições: alto e baixo poder e contra poder; em termos mais convencionais: senhor e escravo. O kynismos antigo inicia o processo dos ‘argumentos nus’ a partir da oposição, sustentado

pelo poder que vem de baixo. O kynismos peida, defeca, urina, se masturba em praça pública, diante do olhar do mercado ateniense; ele despreza a glória, menospreza a arquitetura, não respeita nada, parodia as histórias de deuses e heróis, come carne e legumes crus, deita-se ao sol, mexe com as prostitutas e enxota Alexandre, o Grande, para que ele saia da frente do seu sol”. (SLOTTERDIJK, 2012, p.156)

As atitudes dos cínicos visavam seguir a natureza e seus instintos, uma recusa pela cultura e principalmente não se preocupar com as conveniências do mundo, ignorando o olhar de desaprovação dos demais societários ou sua opinião sobre o que professa. Em relação ao riso apenas suas atitudes nos levam a crer que a pilhéria realizada com Platão levou os espectadores ao furor hilariante, entretanto o autor supracitado em sua obra “A crítica da Razão Cínica” estende o que seria o cinismo, em uma versão hodierna, sem, no entanto, fazer referência a esta escola do pensamento grego, pois o riso ainda é uma forma de oposição social, principalmente se este for de alto e bom tom, “(...) enquanto o cínico sorri com melancolia e desprezo, do alto de seu poder e de sua desilusão, é característico do “*Kynikos*” rir alto e despididamente a ponto das pessoas sofisticadas reprovarem com a cabeça.” (2012, p. 204).

A variedade de nomes, segundo Gomes (2014, apud Minois, 2003), que colocaram o riso como algo mefistofélico cresceu em grande escala no período medieval, devido a absorção da filosofia pela teologia e por consequência o relegar das atividades reflexivas aos padres da igreja católica. Tertuliano (169-220) foi um exemplo deste fato, pois mesmo não fazendo parte das hostes eclesiásticas, porém de família abastada pagã, ao se converter ao cristianismo se tornou um dos primeiros autores a defender tal doutrina e “(...) investe suas críticas contra as comédias que em sua visão eram espetáculos demoníacos e impudicos.” (GOMES, 2014, p.29). Outro apologista, de acordo com Gomes (2014) fora Clemente de Alexandria (150-215), platônico por excelência estabeleceu que o riso fragoroso pertence a classe do que não é virtuoso, do horrendo, pois ao rir a face é deforma, sendo características das prostitutas e as proxenetas.

Na linha dos Santos Católicos destacam-se, segundo Minois (2013, p. 130) Santo Ambrósio (339-397) definindo que o riso em qualquer circunstância seria conveniente e totalmente contrário aos ensinamentos de Cristo; Santo Agostinho (354-397) repetindo reiteradamente que mesmo o riso sendo uma faculdade humana, ele é desprezível. Entretanto, conforme demonstrou o autor supracitado, o maior

adversário do riso foi São João Crisóstomo (344-407), pois para este clérigo os dentes jamais poderiam estar a mostra, sendo esta ação um ato diabólico, "(...) por toda parte o demônio dirige este triste concerto; os divertimentos não são dons de Deus, mas do diabo." (MINOIS, 2003, p.130).

Em suma todos os santos e os grandes literatos do cristianismo supracitados, acabam de uma forma ou de outra se colocando contra a gargalhada, o escárnio, o desdém, estes sim expressões do mal em Terra e atenuam o sorriso comedido, o sorrir ao divino e aos amigos. (GOMES, 2014, p. 29)

Com o advento da modernidade e seus principais períodos, renascimento e iluminismo alguns autores ficaram interligados na descrição histórica, apresentada na primeira seção, desta forma continuará com uma rápida demonstração de como pensadores do quilate de Thomas Hobbes, Immanuel Kant, Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche teorizaram o riso.

Para Thomas Hobbes (1588-1679), segundo Alberti (1999), o riso não foi um conceito norteador, pois para o autor o conceito aparece pouquíssimas vezes em suas obras, para ser mais específico em duas: *Leviatã* e *Natureza humana* por ser tratado como signo de uma paixão, denominada honra súbita, que experimentamos quando temos uma concepção repentina de nossa superioridade, não adquirindo nenhum estatuto especial na obra de Hobbes, em suas palavras, "(...) a paixão que, para Hobbes, suscita o riso é o orgulho ou a glória que experimentamos ao percebermos subitamente nossa capacidade ou superioridade." (p. 125).

De acordo a autora citada anteriormente, o riso em Immanuel Kant (1724 -1804) não se constitui em um objeto do belo, mas sim uma afecção do corpo que causa prazer, assim como a música, pois, "(...) para Kant, o objeto do riso não é o belo, mas o agradável, e constitui uma das formas do jogo livre das sensações que desemboca na ausência de pensamento." (1999, p. 165), sendo que este prazer do risível na teoria kantiana não tem sua fonte no entendimento, mas em um sentimento de saúde do corpo, que resulta justamente de um grau zero de entendimento devido ao fato de que a expectativa criada em relação a uma situação, história ou anedota cômica resulta no nada, em algo absurdo, apenas reverberando a ausência de qualquer tipo de pensamento.

Arthur Schopenhauer (1788 – 1860) tem em sua obra "O mundo como vontade e representação" seu maior constructo teórico e traz nas primeiras páginas, de acordo

com Reale e Antiserre (1991) uma conceitualização clara do que seria a relação entre o sujeito e objeto organizado pelo tempo, espaço e causalidade:

O mundo é representação minha: eis uma verdade válida para todo ser vivo e pensante, ainda que o homem só possa alcançá-la por consciência abstrata e reflexa. Quando o homem adquire essa consciência, o espírito filosófico entrou nele. Então, com clara certeza que não conhece o sol nem a terra, mas somente que tem um olho que vê o sol e uma mão que sente o contato com a terra: sabe que o mundo circunstancial só existe como representação, isto é, sempre e somente em relação com o outro ser, com o ser que o percebe, com ele mesmo. (p. 224)

Esta imediatividade, consideradas como realidades condicionadas aos três aspectos anteriores, são mediadoras das representações, sendo a vontade a essência do ser. Estes fatores são importantes para compreender o riso no autor, pois este nasce da incongruência entre o concreto, a coisa em si e o abstrato, o pensamento sobre a coisa.

O elemento mais importante da teoria de Schopenhauer, a meu ver, é sua explicação da fonte do prazer do risível. O riso, diz ele, é em geral um estado prazeroso, porque sentimos satisfação de perceber a incongruência entre o pensado e a realidade objetiva: A percepção da incongruência do pensado (Gedachten) com o contemplado (Angeschauten), isto é, com a realidade (Wirklichkeit), nos dá, portanto, alegria, e nós nos entregamos de bom grado à comoção convulsiva suscitada por essa percepção. (ALBERTI, 1999, p. 175)

Esta incongruência somente faz sentido a luz de seu opositor que no caso do riso seria a seriedade, pois este se coloca como se fosse congruente, exato momento da realidade, que pensa as coisas de acordo com sua regra de entendimento e é ao notar que pelo advento de uma incongruência inesperada que se revela o caráter virtualmente enganador de todo acordo entre a realidade e o pensado, sendo o riso um epifenômeno deste momento.

Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) em o "Crepúsculo dos ídolos" ou "Como se filosofa com o martelo" autor lança seu furor intelectual ao que ele denomina como cultura da decadência. Critica Sócrates como aquele que prega a antívida, a razão dos filósofos que em vez de validar o mundo real, o mundo dos sentidos falsifica-o e o inverte criando simulacros de uma realidade inexistente.

A razão é a causa de falsificarmos o testemunho dos sentidos. Na medida em que mostra o vir-a-ser, o decorrer, a transformação, os sentidos não mentem. Mas Heráclito sempre terá razão em que o ser é uma ficção vazia. O mundo "aparente" é o único: o mundo verdadeiro "é apenas acrescentado mendazmente..." (NIETZSCHE, F. 2006, p.26)

Para ele o mundo se tornou uma fábula tendo a moral, principalmente a cristã, atuado como uma forma de antinatureza, domesticando os instintos e tornando todas as ovelhas de um mesmo rebanho. Esta domesticação é fruto de uma sociedade que esqueceu o verdadeiro valor do dionisíaco, de celebrar a embriaguez e adotou o apolíneo como via de regra. Esta oposição entre os deuses gregos Dionísio e Apolo como, arquétipos, Nietzsche decompõe a tragédia em dois elementos básicos: dionisíaco e apolíneo. O primeiro é o instinto natural do homem, sua forma crua e pura, seus anseios e vontades, um estado obscuro de insegurança e deleite que foge dos padrões harmônicos impostos pelas sociedades, é o desvelar de si mesmo sem individualidades, sem mediações, um sentimento de criação e destruição. O segundo é o estado de segurança, de beleza lúcida, de individualidade plena, de leis e regras, de unidade de controle sob os impulsos intangíveis do ser e principalmente de equilíbrio.

A tragédia antes de qualquer coisa é aceitar que o perecer na vida é o fator inexorável com a qual cada existente, de uma forma ou outra, se confronta no final e aceitar tal fator, sem recorrer a metafísicas, é a tarefa primordial do existir, porém, irrompem filosofias que subvertem tal valor, colocando o pós vida como função principal do pensar e concomitantemente como verdade absoluta, e é contra este tipo de pensamento que Nietzsche desfere marteladas a fim de destruí-los e coloca em cena a vida, a vida como ela é, sem subterfúgios, sem consolações. Platão, Descartes, Kant e até mesmo Schopenhauer, são vítimas das cisões cirúrgicas que Nietzsche opera na realidade, cortes profundos na cadeia filosófica que foi criada até o século XIX e que ressoam até agora. Segundo Giacóia Júnior (2002, p. 18), Nietzsche busca o valor da verdade, mas não uma verdade absoluta como fora criado pelos autores supracitados, mas uma verdade em relação à vida, um incremento da vida, porém uma verdade que queira perpetuar-se, é um valor falso, fruto de um único prisma, de um único olhar, muito mais condicionada por interesses alheios a si mesmos do que com seu real intento, seu desejo não é de criação, mas de perpetuação, sendo, desta forma, a verdade um valor relativo ao momento de sua concepção, não sendo um valor incondicional. Doravante a verdade constitui-se em um instante de claridade frente a um acontecimento ou fato, diluindo-se diante das inexoráveis relações do viver, torna-se um momento e não algo eterno ou absoluto. Desta forma os dois arquétipos representam, metaforicamente, os polos do uno real, realidade que busca a verdade harmônica, segurança e afirmação coibindo o ímpeto dos instintos na árdua

desorientação do viver; não se excluem mutuamente, pelo contrário são complementares entre si, pois o apolíneo traça limites para o dionisíaco impondo a este a beleza da aparência e as linhas mestras da comedidão, imprimindo um caráter de lucidez em meio à embriaguez dos instintos.

Que significam os conceitos opostos que introduzi na estética, apolíneo e dionisíaco, os dois entendidos com espécie de embriaguez? - A embriaguez apolínea mantém, sobretudo o olhar excitado, de modo que ele adquire a força da visão. [...] Já no estado dionisíaco, todo sistema afetivo é excitado e intensificado: de modo que ele descarrega de uma vez todos os seus meios de expressão e ao mesmo tempo, põe para fora à força de representação, imitação, transfiguração, transformação, toda a espécie de mímica e atuação. (NIETZSCHE, F. 2006, p.69).

Sendo uma destas descargas de intensificação dos sistemas afetivos o riso. Desta forma o filósofo do conhecimento trágico, domina o conhecimento não pelo viés metafísico, não delineando uma nova crença, muito menos adentra o turbilhão dogmático das ciências, ele constrói uma nova vida, ele restabelece o direito da arte. Segundo Nietzsche (2004, p.36) "O filósofo do conhecimento desesperado é conduzido a uma ciência cega: o saber a qualquer custo" o conhecimento tem por objetivo tornar a vida melhor e isto é o trágico para o autor. O homem, como afirma o aforismo quatorze de "O viajante e sua sombra", é o comediante do mundo e de fato, "aquele que imaginou o homem para rir dele tinha mais espírito que ele e também mais prazer no espírito" (2007, p.24). Este homem que ri de si mesmo, sem culpa, sem resignação ou condescendência que em meio às mazelas da existência ri frente às adversidades, sem esperanças metasuperiores, ou culpabilizando outrem, aceitando a sua situação é o filósofo trágico. Autocomiseração é inadmissível, sendo o riso expressão da aceitação, o famoso conceito de *amor fati*, amor ao destino: "(...) minha fórmula para a grandeza no homem é amor-fati: não querer nada de outro modo, nem para diante nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo – todo idealismo é mendacidade diante do necessário - mas amá-lo." (Nietzsche, 2006, p. 100).

Este *amor fati* está intrinsecamente ligado com o conceito de tragédia, sendo esta exaltação do Dionisíaco sobre o Apolíneo a aceitação que o mundo é algo risível e com isso a derisão ganhou a pertença humana o reino dos instintos, um retorno aos defeitos e vicissitudes da vida e do viver.

2.2 OS SISUDOS TAMBÉM RIEM

Segundo Lipovetsky (2005) nossa sociedade chegou ao extremo da individualização é uma sociedade marcada pelo código humorístico, não há espaço para o sério, da arte à academia, da cultura à política, do sexo ao pecado, tudo passa pelo engraçado, pelo *fun* como conceitua o autor, pelo cômico, pelo divertimento, para além dos rígidos padrões morais, porém a mesma sociedade libertina que atribui um novo status a derrisão coloca cerceamentos nestes, rires, mas ao rires certifique-se que ri apenas de si mesmo caso contrário terá que arcar com as consequências de seus risos, não é isso o famoso bullying Os coetâneos perderam o real significado do riso, esqueceram qual é a sua serventia e, paradoxalmente, enquanto utilizam do riso para aliviar as pressões diárias da vida removeram o que era de mais sagrado nele, esvaziaram sua origem benigna de profanar o sagrado e violar as regras oficiais.

Os panfletos violentos perderam a força, os canceiros já não são as figuras principais dos cartazes; um novo estilo descontraído e inofensivo sem negação ou mensagem, surgiu, caracterizando o humor da moda, dos artigos jornalísticos, dos programas radiofônicos, da publicidade, de numerosas histórias em quadrinhos. O cômico, longe de ser a festa do povo ou do espírito, tornou-se um imperativo social generalizado, uma atmosfera cool, um clima contínuo a que o indivíduo é submetido até no seu cotidiano. (LIPOVETSKY, 2005, p. 112).

Este processo de decomposição do riso, de acordo com Lipovetsky (2005), expurga os seguintes elementos do riso: grosserias, exageros bufônicos com bases em obscenidades e situações escatológicas, reduzindo o espírito a uma ironia pura. No “*zeitgeist*” atual o humor é algo que desprovido do negativo satírico ou caricatural não opera pelos sarcasmos, mas sim viés lúdico, pois “(...) a denúncia escarnecedora correlativa de uma sociedade baseada em valores reconhecidos foi substituída por um humor positivo e desenvolvido, um cômico adolescente à base de uma extravagância gratuita e sem pretensões.” (Idem, 2005, p. 115)

O cômico do politicamente correto é estabelecido por meio de leis e barreiras estabelecidas e ousar ir além seria uma blasfêmia contra o indivíduo e seu sonho de felicidade. Mesmo em suas versões “mais pesadas” a linha de compreensão é tênue e, na maioria das vezes, aquele que trabalha com este gênero não permanece por muito tempo a fazê-lo, pois acaba por ter que justificar perante a justiça por meio de retratações públicas ou por meio de custas judiciais.

O código humorístico mina a pretensão ao sentido, destitui os conteúdos: no lugar da transmissão ideológica temos o enfraquecimento humorístico, a reabsorção do polo referencial. A glorificação do sentido foi substituída por

uma depreciação lúdica, uma lógica inverossímil. (LIPOVETSKY, 2005, p. 123).

Esta nova versão de humor é associada com uma ideia de felicidade de massa e por consequência atrelada ao consumismo, sendo o próprio fazer rir um empreendimento lucrativo. Longe de ser uma crítica cultural e pessoal sua função é causar relaxamento nos societários muito ligado ao hedonismo, do que ao cinismo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rir de situações sérias e chorar em situações alegres, eis um paradoxo de difícil compreensão para todos os societários coetâneos. Entretanto a comédia, o humor, que provocam risos podem ser caracterizadas como um aspecto ontológico do ser e até mesmo uma espécie de virtude. “(...) que ele seja uma virtude poderá surpreender. Mas é que toda seriedade é condenável, referindo-se a nós mesmos. O humor nos preserva dela e, além do prazer que sentimos como ele, é estimado por isso.” (SPONVILLE, 2009, p. 229)

De uma atribuição divina, a demonificação na idade média, de dionisíaco a apolíneo, de uma expressão do populacho a cultura das classes nobres, de um prazer falso interligado com a fraqueza de espírito pertencentes as almas inferiores concupiscível e irascível, para uma expressão da especificidade humana que exagera os defeitos e vicissitudes do indivíduo em sua existência, de filosofia de vida para novamente ser a expressão do demônio na carne, de um signo que revelava uma honra súbita, para um sentimento que demonstrava o absurdo e o cessar do pensamento e de uma incongruência para glorificação dos instintos. O riso esteve presente neste percurso histórico e filosófico tanto como um sentimento quanto como ação. “(...) A felicidade pode conter episódios de alegria, mas os filósofos foram estritos em excluir tudo o que não fosse alegrias apropriadas (o que as vezes pode ser algo muito limitado) em suas narrativas a respeito da boa vida.” (POTKAY, 2010, p. 22)

Quando trazido conceitualmente para a nossa realidade, seu poder destrutivo foi amainado pela pretensa premissa de que em meio as calamidades sociais e existências por qual passamos seu teor ácido e corrosivo deveria ser dispensado e ocupado por uma esfera cool (legal) e fun (divertida), sendo advertido e até mesmo julgado com toda a força jurídica ao mínimo sinal de retorno a aurora de seu tempo.

Desta feita o riso como aspecto filosófico e ontológico jaz na capacidade do ser humano rir de sua posição existencial, contrariando as definições kantianas e aristotélicas, pois é a partir deste que o desespero de nossas vidas pode ser superado.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **O riso e o risível**. Na história do pensamento ocidental. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- ARP, R. **Chupando as bolas e fodendo**. Uma introdução à chatice. In. IRWIN, W. South Park e a Filosofia. São Paulo: Madras, 2007.
- ECO, H. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- GIACÓIA JÚNIOR, O. **Nietzsche & Para além do bem e do mal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- GOMES, F.A. **Do Riso ao escárnio**. Uma análise animada para as aulas de Filosofia. In. Revista Ensino & Pesquisa, v 12, nº2. UNESPAR, 2014.
- LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, São Paulo: Manole, 2005.
- MANFIO, E. R. **Do discurso sobre humo, e seus deslocamento**: os sentidos do senso comum e os sentidos cristalizados. Dissertação de mestrado do curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá. 2006.
- MINOIS, G. **História do riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- ONFRAY, M. **Contra- história da Filosofia**. As sabedorias antigas. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- POTKAY, A. **A história da alegria**. Da bíblia ao romantismo tardio. São Paulo: Globo, 2010.
- SLOTERDIJK, P. **A crítica da razão cínica**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- SPONVILLE, A.C. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.